

Crónica de uma viagem

por Albano Naroromele

Mesmo viajando de coluna escoltada por militares — símbolo de protecção contra possíveis ataques dos «anannyatha» — o viajante respira sem suspiros de medo em todo o percurso que separa Pemba de Montepuez. Não faltam inclusivamente pessoas que viajam em viaturas isoladas, se bem que nem por seu conforto a ninguém o direito de rotulá-las de aventureiros e embora não rejeitem por aí além o atributo de corajosos.

Quando percorri recentemente aquela estrada, integrando uma comitiva do Dirigente da Província, General do Exército, Alberto Chipande, que se deslocava em missão de serviço a Localidade de Meloco, apercebi-me que os dedos de uma mão são muitos demais para contar o número de ataques efectuados pelos bandidos armados ao longo do mesmo percurso. Tal constatação partiu das informações de colegas de viagem que, so muito de quando em vez, interrompiam uma conversa diferente para me mostrarem um e outro local que foi palco de algum ataque dos «anannyatha».

Como faltavam vestígios desses ataques nos poucos locais em que os mesmos se registaram muitas vezes de comigo a pensar que as marcas dos crimes dos bandidos só se encontram gravadas nos rostos das populações das vizinhanças.

Não faltam razões para um pensamento nesta linha de conta: os primeiros crimes dos «anannyatha» — mesmo a caminho de uma emboscada na estrada são suportados pelos camponeses, resultando daqui a denúncia dos assassinos às FPLM, ou ainda o rechaçamento e perseguição dos mesmos pelos milicianos, que são habitantes das aldeias comunais.

Além disso, a nudez dos aldeões fala por si. Quem não estaria marcado a partir do momento em que esta consciente de que os «anannyatha» — cuja existência minou a economia do País e, consequentemente, todos os circuitos de abastecimento de artigos de primeira necessidade às populações, — são os principais res-

ponsáveis pela nudez despersonalizante que assola o corpo?

A nudez, esse fenómeno particularmente grave para as mulheres — para elas, a solução não são os vestidos e saias das «Cal. midades», que de resto não chegam para todas, mas as capulanas que estão habituadas a trajar e não existem — a nudez, dizia, consegue fazer pensar que o alcatrão da estrada é mais decente que os sacos de sisal e de fibras plasticas transparentes e rotos, transformados em única indumentária.

Mas o percurso de Pemba a Montepuez, durante o qual observei estas imagens, não é como disse, toda a viagem. O destino é Meloco, onde está em curso uma operação militar de perseguição aos bandidos armados e libertação das populações que vivem compulsivamente com os «anannyatha». Da sede do Distrito de Montepuez à sede da Localidade de Meloco, o quadro modifica-se. Ao viajante que já tenha passado por aquelas bandas há alguns anos atrás, depara agora com uma savana aparentemente mais desenvolvida e capaz de engolir um camião de grande tonelagem carregado de algodão.

Esta monótona impressão, vincada pelo estado difícil da picada, bem como pela ausência da movimentação das populações ao longo de quase todo o percurso, e ainda pela presença de grupos das FPLM e de milicianos em missão rotineira de patrulhamento, reduz o a-vontade no viajante desprevenido.

Torna-se até possível que mesmo as pessoas informadas se esqueçam que Meloco, uma localidade relativamente extensa, é pouco povoada — só tem 14 aldeias — impondo-se-lhes a ideia de que a ausência de movimentação das populações deve-se unicamente à existência dos «anannyatha» na zona.

Estes receios deixam, porém, de ser resultado de ilusão durante o «furo» através da picada que liga a sede da Localidade

de Meloco ao Distrito de Chiúre. Além de ser precário, o caminho não conhecia qualquer viatura há um ano, devido, agora sim, à existência na zona do principal esconderijo dos bandidos armados em Cabo Delgado.

Encontro-me nesta viagem poucos dias depois de a população, em coordenação com as FPLM, ter reaberto o caminho. Esta população vivia na sede da localidade e numa aldeia próxima, desde que se escapou do recrutamento compulsivo para as antigas povoações, na altura em que os bandidos penetraram em Meloco e iniciaram a prática dos seus crimes, com o apoio dos antigos regulos, como Muikho e outros colaboradores do colonialismo.

Quando da reabertura da picada e a pouco mais de 10 quilómetros da sede de Meloco, o caminho estava impedido por cancelas de troncos de árvores. Depois das cancelas havia ossos espalhados pela via fora e esqueletos de pessoas assassinadas com os braços amarrados atrás das costas. Um pouco a diante e sobre uma pequena ponte, seis corpos, entre os quais o de uma mulher e uma criança, jaziam em estado avançado de decomposição.

Tudo, população civil, indefesa. Tudo, vítima dos «anannyatha». Os corpos em decomposição apresentavam profundas perfurações na cabeça e noutras partes do corpo, feitas por golpes de, segundo conhecedores do assunto, só podiam ser de machados, catanas ou azagaias. É assim que os «anannyatha» matam em Cabo Delgado.

A ponte sobre a qual jaziam os cadáveres, estava isolada por duas grandes covas, em ambas as margens, de forma a impedir completamente o trânsito de viaturas. Aliás, os bandidos obrigaram a população em seu poder a cavar covas de profundidade igual à altura de um homem de estatura normal, ao longo de uma distância de cerca de oito quilómetros. Ao todo, eram (foram tapadas, quando da reabertura da picada) 24 covas, até às portas daquilo que foi a Aldeia Comunal de Matiquiti.

Nesta comunidade, ferreiros, alfaiates e carpinteiros estavam organizados em cooperativas. Havia ali cooperativas agrícolas e de criação de pequenas espécies. O projecto «FO-7» estava a desenvolver na aldeia parte da sua actividade. A população local produzia e comia cebola, couves, repolho e salada de alface temperada com limão. Quando havia reunião, cada camponês trazia de casa a cadeira para se sentar. Apesar do fraco apoio das estruturas do Distrito e da Localidade, Matiquiti era uma comunidade com perspectivas promissoras.

Tudo isso, foi queimado um dia depois de os bandidos armados terem chegado à aldeia, à noite, e contactado com os antigos regulos. Só a mesquita local sobreviveu ao fogo criminoso dos bandidos. Alguns camponeses recém-libertados pelas FPLM disseram-me que os «anannyatha» não queimaram a mesquita por causa da sua simpatia com o chefe religioso daqui.

Poucos quilómetros depois de Matiquiti fica a aldeia Khata-pwa, também integralmente queimada. Khata-pwa foi a comunidade onde vivia o antigo Régulo Muikho (sobre ele falei no primeiro trabalho desta série), e, no tempo colonial, era um aldeamento igualmente chamado Muikho.

A sorte das populações destas comunidades destruídas — existem várias outras aldeias queimadas em Meloco — não é menos triste, sobretudo para aqueles camponeses que não conseguiram fugir dos bandidos armados, quer no momento em que ardiam as suas palhotas, quer depois no cativoiro, nas antigas povoações, onde vivem ou viviam sob a ameaça permanente dos «anannyatha».

Em cada aldeia onde passaram, e antes de queimarem as casas, os bandidos armados apoderaram-se de todos os bens das populações. Os camponeses foram levados para o cativoiro nús e sem uma esteira para se deitar. Como não tínhamos roupa — conta um velho recém-libertado — tivemos de recorrer às cascas de árvores para cobrir a nudez.

Mas, as cascas de árvores, que depois de preparadas são tradicionalmente conhecidas por «nakotto», não cobrem nudez nenhuma. Eu tinha visto a nudez, que neste texto classifiquei de «despersonalizante», na estrada que liga Pemba a Montepuez. Em contacto com os recém-libertados das terras dos «anannyatha», não encontrei palavras para descrever o seu estado de miséria.

A fragilidade dos seus corpos: cheios de chagas e cobertos de qualquer coisa parecida com escamas, a morte do sorriso nos seus rostos e a incerteza nos olhos chupados para longe das órbitas, as costas que se contam à flor da pele que tem a borda da tanga de casca de árvore, a indiferença das crianças de olhar morribundo, tudo isso não tem descrição, porque tudo isso constitui a verdadeira face dos «anannyatha».

O espectro dos esqueletos da destruição apenas desapareceu na aldeia de Jonga, já no Distrito de Chiúre, onde o sorriso e a alegria espontâneas da população — não obstante as suas necessidades, anseios, dúvidas e outros problemas — que caracterizam uma pequena recepção de Alberto Chipande, impõem uma diferença de dia para a noite, em relação ao drama de Meloco.